



■ VÁRIAS ESCOLAS FORAM REFORMADAS ESTE ANO PELO GDF. A DIREÇÃO DAS UNIDADES, AGORA, PODE SE RESPONSABILIZAR PELOS PEQUENOS CONSERTOS

Gestão descentralizada

ESCOLAS E ALUNOS GANHAM COM AUTONOMIA DA DIREÇÃO

Joana Wightman

Descentralizar a gestão e proporcionar mais autonomia para as escolas públicas do Distrito Federal. "Antes, até para trocar uma torneira em uma escola era preciso de autorização da Secretaria de Educação. Agora, os diretores fazem papel de gestores e administram os recursos e despesas", apontou o secretário de Educação, José Luiz Valente. As principais mudanças ocorridas na Secretaria de Educação foram o tema central da palestra de Valente durante o Fórum sobre Educação Pública e Privada no DF, realizado na terça-feira última pelo Jornal de Brasília, no auditório da UDF, na 903 Sul.

Há 22 meses à frente do órgão, o secretário aproveitou para fazer um balanço dos desafios e resultados alcançados. "O GDF costumava nomear cerca de três mil pessoas para cargos nas escolas. Desde o ano passado, os diretores são escolhidos por sua capacidade de gestão e liderança na comunidade", lembrou o secretário. Valente se referiu a nova forma de avaliação dos candidatos aos cargos de direção. Os professores interessados em assumir a liderança das escolas passaram por provas sobre conhecimento de gestão e comprovação de títulos. Depois, os aprovados foram submetidos ao voto da comunidade.

Segundo Valente, das 610 escolas que passaram pelo processo, apenas 46 não tiveram candidatos inscritos e outras 176 tiveram os diretores eleitos apenas pela nota da prova e não houve consulta pública porque só houve um aprovado. "O governo abriu mão da indicação de cargos para as escolas e entregou a decisão à comunidade escolar", destacou. Ele relembrou que, há alguns

anos, o corpo diretor não tinha consciência dos gastos. "As contas mensais não eram enviadas para as escolas. Hoje, cada instituição é responsável pelos pagamentos e o que conseguir economizar se reverte em recursos para melhorias", assinalou.

■ Desperdício

Antes da descentralização, o desperdício de dinheiro público era nítido. O secretário citou como exemplo o caso de uma escola que visitou onde havia uma alta despesa de água. O motivo: há seis anos a caixa d'água apresentava problemas de manutenção. "O vazamento era uma verdadeira cachoeira. Começou com um filete de água que não foi consertado", relatou Valente. Ele avaliou que as mudanças na gestão contribuíram para resultados positivos.

"Liberdade de atuação se reflete em uma melhor performance das escolas", avaliou o secretário. Ele apontou que ainda há a necessidade de se criarem mecanismos para melhorar o processo educacional. "Para tomarmos ações é preciso que haja um programa contínuo de avaliação do aprendizado e do desempenho

das escolas", apontou. Para ele, a descentralização do poder foi a melhor forma de otimizar as despesas.

■ Apelo

O secretário aproveitou a ocasião para fazer um apelo à população. "Buscamos a participação de todos nos projetos educacionais. O governo sozinho não dá conta de resolver todos os problemas da educação pública", ressaltou. Ele informou que o orçamento da secretaria está aumentando. De acordo com Valente, o orçamento anual para a pasta da Educação que era de R\$ 3,1 bilhões no ano passado passou para R\$ 3,7 bilhões. Neste ano, desse total, R\$ 63 milhões foram destinados a melhorias nas escolas e outros R\$ 50 milhões para obras.

O secretário e outros representantes de entidades ligadas à educação foram convidados para a primeira edição do Fórum sobre Educação Pública e Privada no DF, que faz parte de um ciclo de debates sobre temas sociais promovido pelo JBr desde o ano passado. "A aproximação do governo com a população é uma forma de ajudar a

corrigir as mazelas sociais por meio da proposição de políticas públicas mais acertadas", opinou o editor-chefe do JBr, Jorge Eduardo Antunes.

Críticas e sugestões deram a tônica das discussões sobre os avanços nas políticas educacionais. A platéia sugeriu que fosse criada uma campanha de preservação do patrimônio escolar. "O Jornal de Brasília aposta e quer apoiar essa ideia", adiantou Antunes. A preocupação com a violência nas escolas foi um dos assuntos mais comentados pelos participantes. O secretário de Educação garantiu que o DF possui a melhor rede de profissionais do País, com alto nível de qualificação.

Porém, o o psicólogo e consultor do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do DF (Sinep-DF), José Augusto Pedra, apontou que falta treinamento para os professores aprenderem a lidar com situações de crise. "As pessoas precisam se empenhar em programas de combate à violência. A maioria dos profissionais está despreparada para identificar, diagnosticar e resolver conflitos", opinou Pedra. Para ele, ainda existem práticas veladas de violência. "O bullying é uma maneira sutil de agressão, que pode ser verbal, psicológica e até física", explicou.

O bullying é um termo em inglês que ainda não tem tradução para o português. Ele é caracterizado por qualquer tipo de ameaça, atitude discriminatória, agressão física ou verbal durante um período prolongado. Para o psicólogo, existe uma necessidade urgente de qualificar os professores para terem um olhar diferenciado sobre os diversos tipos de violência e, além disso, também é preciso trabalhar o problema entre os alunos.

3,7

BILHÕES

É O ORÇAMENTO DA EDUCAÇÃO ESTE ANO. O VALOR É SUPERIOR EM 19% AO DO ANO PASSADO, QUE FOI DE R\$ 3,1 BILHÕES

63

MILHÕES

FORAM DESTINADOS ESTE ANO PARA MELHORIAS NAS ESCOLAS DE TODO O DF. OUTROS R\$ 50 MILHÕES FORAM GASTOS EM REFORMAS